

**REVISTA DE CULTURA**

NÚMERO 7 1989

**al  
man  
sor**

**COLÓQUIO INTERNACIONAL  
DE ARTE PRÉ-HISTÓRICA**

- Nos 25 anos da descoberta  
da Gruta do Escoural

**CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO**

**Almansor - Revista de Cultura**

ISS 0870-0249

**Propriedade**

Câmara Municipal de Montemor-o-Novo

**Redacção e Administração**

Biblioteca Municipal de Montemor-o-Novo

Largo de S. João de Deus - 7050 Montemor-o-Novo

**Composição**

PUBLIARVIS, Publicidade e Artes Visuais, Ld<sup>ª</sup>

Largo do Município, 35 - 1º - 7300 Portalegre

**Impressão**

COGRAPOR, Gráfica de Portalegre, Ld<sup>ª</sup>

Rua do Arco, nº 20 - 7300 Portalegre

**Coordenação**

Jorge Fonseca

# MANIFESTAÇÕES DO SAGRADO NA PRÉ-HISTÓRIA DO OCIDENTE PENINSULAR:

## 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias, *uma nota preambular*

---

Victor S. Gonçalves(\*)

- 1 - O enunciar da questão
- 2 - As primeiras datações
- 3 - Discussão

### 1. O enunciar da questão

Desde os primeiros momentos da arqueologia em Portugal que a questão das placas votivas, frequentes nas antas alentejanas, mas igualmente conhecidas a Norte do Tejo e no próprio Algarve, suscitou discussões interessadas.

Como causa principal estava, naturalmente, o seu grande número e o fascínio que o facto religioso sempre despertou nos investigadores. Ainda que também não fosse errado apontar um certo orgulho chauvinista: à parte raros exemplos do Sul de Espanha, as placas de xisto são um fenómeno tão «português» que é difícil resistir-lhe. Esteja ou não a identidade nacional posta em causa pelo proverbial pessimismo luso (que Ortega y Gasset excelentemente caracterizou).

Estácio da Veiga (1887), Leite de Vasconcellos (1897), Virgílio Correia (1917, 1921), Frankowski (1920), Leisner e Leisner (1951, 1952), Pericot Garcia (1950), Albuquerque e Castro (1963), Arnal e Gros (1962), Victor Gonçalves (1970, 1978a, 1978b, 1980), Veiga Ferreira (1973), são apenas alguns dos autores que se preocuparam

(\*) Director da UNIARQ (Unidade de Arqueologia do Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, INIC). Faculdade de Letras. 1699 Lisboa. Codex.

com problemas de interpretação. Houve quem tentasse seriá-las em tipologias apertadas, o que foge à questão principal que aqui abordamos. Outros ainda publicaram, melhor ou pior, exemplares isolados, de interesse específico. Foi o caso de Zbyszewski, em 1957, e Vilaça (1984).

Basicamente, não parece relevante dividir as teorias interpretativas quanto ao número e peso dos argumentos aduzidos. Numa perspectiva mais pragmática, a essência das explicações possíveis resume-se em dois grupos:

1. as placas são representações de uma ou mais divindades (1) masculinas; (2) femininas. Neste último caso, muito provavelmente de uma Deusa-Mãe;
2. as placas representam o inumado.

Não parecendo críveis os argumentos de Veiga Ferreira que, em 1973, confundiu uma figuração esquemática dos grandes lábios com a de um pênis (o que talvez seja de atribuir à raridade do tratamento gráfico do sexo patente no exemplar em questão), e sendo pacífico aceitar-se que se trata de uma representação feminina, os dados da questão, a este nível, parecem resumir-se numa simples dicotomia, no fundo, como veremos, mais académica que real.

Não hesito, com efeito, em aceitar que se trate de uma figuração de uma (ou mais) divindade(s) feminina(s), mais concretamente de uma «Deusa-Mãe», por razões que se me afiguram de força indiscutível:

1 - se estivessemos perante uma representação do inumado, não se compreenderia a uniformidade iconológica. Essa uniformidade conduz mesmo a que existam placas de uma extraordinária semelhança, ainda que em monumentos diferentes;

2 - estando, em quase todas as placas, patente uma simbologia feminina, e sendo elas tão numerosas num mesmo monumento, dificilmente se aceitaria que a desproporção funerária mulher/homem fosse tão exagerada. Por outro lado, uma escavação recente (ainda inédita) confirmou a associação de uma placa a um indivíduo de sexo masculino (Cova das Lapas, Alcobaça, escavação do autor);

3 - a famosa placa do Bugio (Gonçalves, 1970) inclui a iconografia de dois personagens, um contendo o outro, o que coincide com os mitos mediterrânicos conhecidos para a evolução do culto da Deusa-Mãe e a emergência do Jovem Deus (*ibid.*). Jovem Deus que, no Ocidente peninsular, considerei identificável com o ídolo «chato» almeriense (*ibid.*).

As questões ainda efectivamente em aberto dizem respeito já não essencialmente à representação que as placas consubstanciam mas a três outros problemas:

1 - existe diferença cronológico/cultural entre as placas de xisto com representações geométricas, as placas de xisto antropomórficas e as de grés?

2 - em que momento do megalitismo se situa a prescrição ritual que determina a deposição votiva de placas junto ao inumado?

3 - qual a cronologia absoluta das placas?

Em relação à primeira das questões, nenhuma escavação de meu conhecimento permitiu uma resposta diferente de um não quase categórico. Na Península de Lisboa, a situação está longe de ser clara, mas também não é excessivamente confusa. Na Gruta da Marmota, um e outro tipo de placas estão presentes (ainda que muito fragmentadas). O mesmo se pode dizer das grutas de Alcobaça. Mas no Alentejo a situação é ligeiramente diferente: existem antas só com placas de grés (no Grupo de Crato/Nisa), outras só com placas de xisto (caso do Grupo de Reguengos de Monsaraz) e ainda outras com ambas (Anta dos Penedos de S. Miguel, no primeiro dos grupos citados).

Se a iconografia fosse idêntica (e não o é) poderíamos arriscar que as variações no suporte coincidiriam eventualmente com disponibilidades locais de aprovisionamento em matéria prima.

Se a cronologia absoluta estivesse já disponível para um número suficiente de monumentos, a situação estaria, pelo menos parcialmente, em vias de esclarecimento.

Mas nenhuma das situações ideais está correctamente verificada nem qualquer indicador aponta para que o venha a estar em prazo curto. Por isso, a dúvida mantém-se, agravada ainda por alguns factos evidentes.

Com efeito, a distribuição das placas de grés, quase todas elas ou «anepígrafas» ou com figurações antropomórficas, parece coincidir com um largo corredor ao longo do Tejo, ligando o litoral ao interior, ligação que corresponde a uma provável via comercial que levaria o sílex da costa para o Alentejo, daí trazendo as pedras duras, nomeadamente os anfibolitos, necessários à manufactura de machados e enxós. Mas a este corredor corresponde também, ainda que estravassando-o para Norte e, mais pronunciadamente, para Sul, a distribuição das placas de xisto com representações geométricas.

Assim, sem abandonarmos uma das certezas mais elementares em iconologia mágico-religiosa (uma divindade é sempre a mesma quer seja representada em madeira,

osso, marfim, cerâmica, cobre ou bronze), não nos afastamos também da lógica elementar que nos leva a sublinhar que a matéria suporte não é necessariamente um factor de identidade ou sinonímia simbólica. Com efeito, se todas as placas de xisto com representações geométricas têm indiscutíveis semelhanças, o mesmo se pode também dizer das placas de grés. O caso das placas ditas «fenestradas» tem, porém, de ser encarado com precaução, pela sua indiscutível carga regional.

A questão pode agora centrar-se nos *componentes da simbólica*. No que às placas de xisto diz respeito, presentes em muitas estão os triângulos «simbólicos», representações não exactamente do triângulo púbico mas do próprio princípio feminino, cerâmica calcolítica, mas também a um espectro geográfico-cultural tão vasto que vai do Paleolítico Superior aos nossos dias. Outro componente, que raramente varia, tem sido habitualmente interpretado como «tatuagens» ou «pinturas faciais» e encontra-se invariavelmente na parte superior da placa, ladeando ou dispondo-se logo abaixo dos «olhos». E o terceiro componente são naturalmente os próprios *olhos*, quer coincidam quer não com os orifícios de suspensão.

Claro que existem variantes, e numerosas, mas o essencial resume-se aqui. E sobre esse essencial registaremos as diferenças ou indicadores de mudança que representam o tratamento do último dos três componentes que enumerei. Particularmente o aparecimento de placas com os olhos em forma de sol, indício de uma aculturação mágico-religiosa ou de uma evolução interna da simbólica. Pessoalmente, prefiro a primeira das duas possibilidades, uma vez acreditar que o aparecimento dos olhos em forma de sol coincide efectivamente com uma de duas situações, senão com ambas: (1) emergência de novas divindades; (2) uma fusão de figurações que assinala uma nova fase na evolução do sub-sistema religioso a nível do Ocidente Peninsular.

As placas de grés trazem consigo um componente novo na simbólica, ainda que não rejeitem os que integram as placas de xisto. Os *braços* (e particularmente as *mãos*) encontram-se entre as representações mais eficazmente gravadas ou, mesmo, esculpidas. Representados linearmente ou com uma inflexão adequada a quem segura o próprio ventre (grávido?), convergem, no primeiro dos casos, para um triângulo de vértice invertido, no qual significativamente se apoiam. O exagero proporcional da representação das mãos, patente na conhecida placa de Montemor, foi objecto de estudo em outro contexto (Val Camonica) e traduz, sem dúvida, cargas simbólicas desconhecidas anteriormente.

A segunda questão é de mais difícil resposta. E compreensivelmente, quando dois

investigadores, numa mesma e recente publicação, chegam a conclusões exactamente opostas sobre a evolução arquitectónica das estruturas megalíticas (Kalb e Tavares da Silva, 1987).

Tudo quanto nos é possível adiantar, no estado actual dos nossos conhecimentos, é que os mais pequenos monumentos ainda não têm (ou já não têm...) placas de xisto. No entanto, se a sua presença é constante ao longo do tempo, diria que, no megalitismo, as placas são um fenómeno posterior à sua emergência, perdurando até às estruturas de construção mais recente nele incluídas, os *tholoi*.

Dentro das redutoras categorias que se têm vindo a manter, diria também que as placas de xisto com decoração geométrica seriam próprias de um momento *médio e final* do megalitismo, sendo o seu limite mais recente o menos polémico, uma vez que as encontramos em povoados calcolíticos do Centro/Sul de Portugal (Vila Nova de S. Pedro, Pé da Erra, Pedrão, Mangancha, Sala nº 1...). Quanto ao limite antigo, haveria que escavar mais monumentos megalíticos para que uma proposta minimamente fundamentada pudesse avançar.

Seja como for, é indispensável sublinhar a vasta extensão coberta por estes artefactos ideotécnicos, traduzindo uma ampla aceitação que só pode ser devidamente entendida mobilizando meios que a arqueologia não está ainda habilitada a fornecer. Redes de troca, áreas de influência cultural, um fundo comum, um complexo mágico-religioso partilhado, não são explicações desprezíveis e numa delas (senão em todas) poderemos encontrar a chave da questão. E sem elas, não me parece que se possa, efectivamente, progredir.

A terceira e última questão permanecia sem resposta até há pouco tempo. Ocupar-me-ei dela no ponto seguinte.

## 2. As primeiras datações <sup>14</sup>C

O problema das cronologias para as diversas fases ou momentos da Pré-História de Portugal residiu, durante muito tempo, na exiguidade das datas absolutas disponíveis. Hoje, possuem-se alguns bons conjuntos e numerosas datas avulsas e a questão já não reside exclusivamente na sua raridade, mas nos seus parâmetros de utilização e fiabilidade. Datar um povoado pode ser complexo, mas um monumento megalítico, ocupado, reocupado, remexido, violado, ao longo de centenas e milhares de anos, não é caso simples e, salvo em casos de registo muito recente e rigoroso, os dados disponíveis deverão ser atentamente criticados, triados e, em caso de dúvida, por pequena que seja, colocados sob reserva.

De escavações (muito) recentes existem, porém, três datações que se afiguram de grande interesse, por serem praticamente as primeiras datações absolutas de níveis ou deposições que continham placas de xisto. (Para localização, ver Fig. 1).

A primeira delas (ICEN-463) foi obtida na Cova das Lapas (Alcobaça), numa gruta com uma grande homogeneidade cultural e que incluía um enterramento em que uma placa com decoração geométrica e características peculiares se encontrava sobre o peito do inumado.

A segunda (ICEN-66) foi obtida por Jorge Oliveira para o nível de base da Anta da Bola da Cera (Marvão). Vivamente lhe agradeço ter permitido que a usasse aqui.

A terceira foi obtida através dos meus próprios trabalhos no povoado da Sala nº 1 (Pedrógão, Vidigueira) e provém do nível 3 do locus 1, onde foi recolhida uma placa de xisto anepígrafa e fragmentos de outras, com representações geométricas.

São elas:

Cova das Lapas (CL1):	ICEN-463	4550	± 60 BP
Anta da Bola da Cera (ABC):	ICEN-66	4360	± 50 BP
Sala nº 1 (SL1. n.3)	ICEN-448	4140	± 110 BP



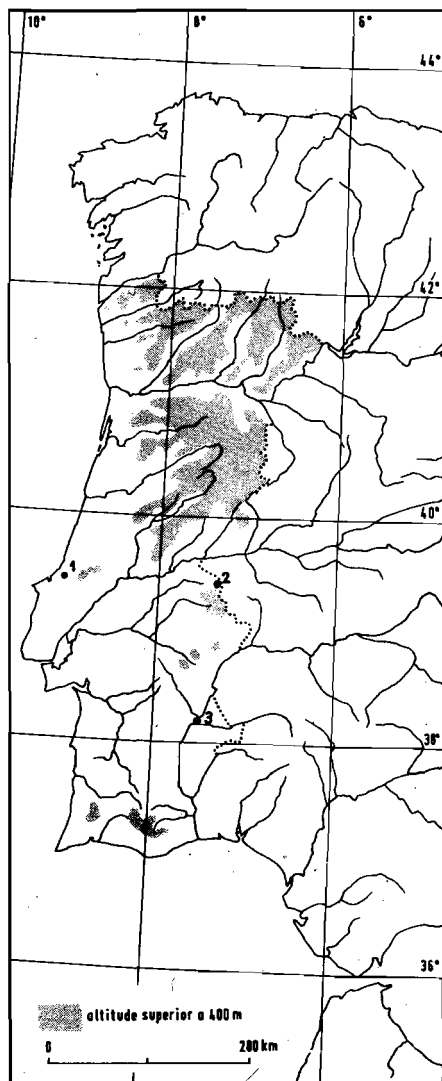


Fig. 1 - Localização dos três sítios referidos no texto. 1: Cova das Lapas (Montes, Alcobaça). 2: Anta da Bola da Cera (Marvão). 3: Sala nº 1 (Pedrógão, Vidigueira).

Calibrando-as pela curva de Pearson *et al.*, teríamos, para um intervalo de confiança a dois sigmas:

ICEN-463 (Cova das Lapas)	3497 - 3 041 cal. AC
ICEN-66 (Bola da Cera)	3100 - 2 900 cal. AC
ICEN-448 (Sala nº 1)	3018 - 2 460 cal. AC

### 3. discussão

A representação gráfica de estas datas (as primeiras que, com fiabilidade, se referem a deposições de placas votivas em monumentos megalíticos) evidencia, quer em anos de carbono 14 quer em anos de calendário, uma apreciável duração para esta prática mágico-religiosa (Fig. 2.1 e 2.2). Outras observações parecem, porém, indispensáveis.

3.1 A primeira delas diz respeito às categorias de placas assim datadas. Sendo as da Cova das Lapas e do nível 3 do locus 1 da Sala nº 1 rigorosamente do mesmo tipo, não há dúvida que existem placas de xisto com figurações geométricas na segunda metade do 4º milénio e na primeira do 3º, em anos de calendário.

As datações 14C confirmam, assim, como já se dissera (Gonçalves, 1980 e 1987-88) que populações calcolíticas ou contemporâneas dos calcolíticos (o que não é exactamente o mesmo) ainda usam placas. O «atelier» do Cabeço do Pé da Erra (Coruche), ainda não datado pelo carbono 14, poderia naturalmente confirmar esta proposição.

De onde partem exactamente estas placas, em termos cronológico-culturais, é menos seguro, sendo de algum modo natural a tendência de alguns investigadores em as colocarem no hoje quase mítico Neolítico «final», um conceito onde parece querer-se arrumar tudo o que se não sabe muito bem a que período pertence (dentro de uma faixa relativamente restrita, claro).

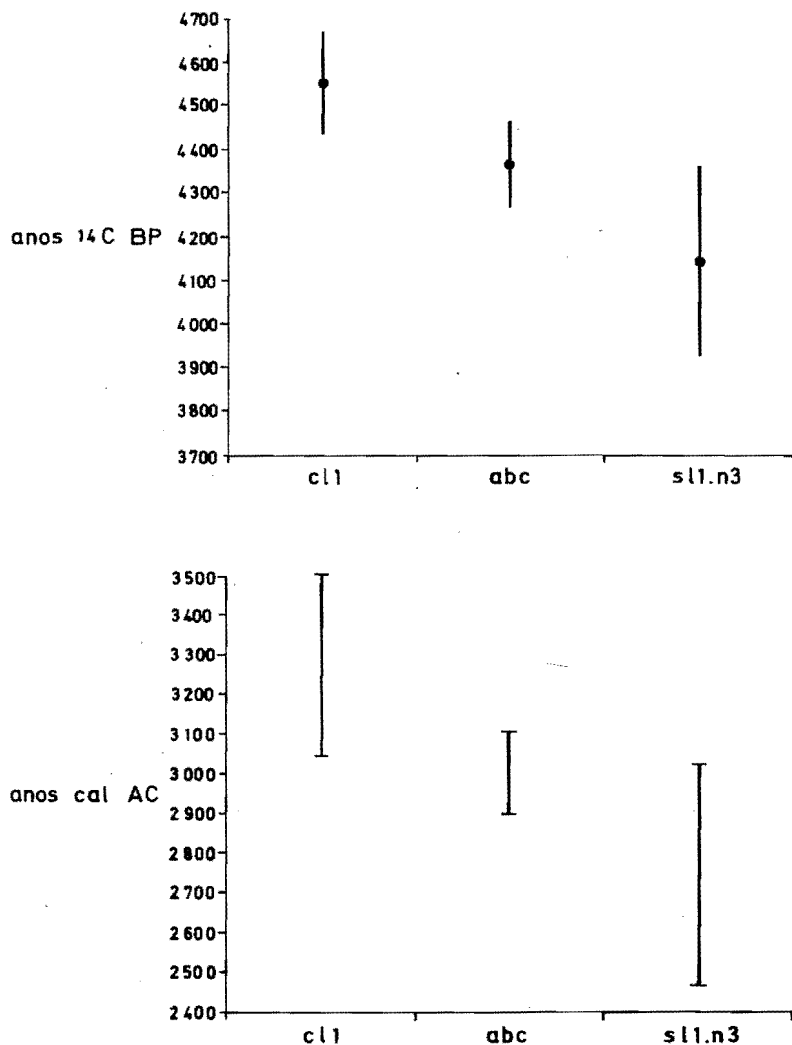


Fig. 2 - Representação gráfica das datas  $^{14}\text{C}$ . CL1: Cova das Lapas ABC: Anta da Bola da Cera. SL1. n3: Sala nº1, nível 3 (do locus 1. Datas BP e cal AC representadas a dois sigmas.

Segundo Jorge Oliveira, a placa associada aos enterramentos da Anta da Bola da Cera pertenceria ao tipo antropomórfico, mais propriamente ao grupo das placas de xisto «recortadas», em que a «cabeça» é intencionalmente diferenciada do «corpo» da placa. Como vimos pela representação gráfica das datas <sup>14</sup>C, ela seria possivelmente algo posterior à placa geométrica da Cova das Lapas e anterior às placas da Sala nº 1. Uma mesma larga faixa cronológica parece, portanto, ser compartilhada por um e outro tipo de placas. Mas ainda não é lícito afirmar que essa situação é generalizável a todo o período longo em que elas foram utilizadas.

Na escavação da Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), a equipa luso-francesa registou placas de grés com representações antropomórficas (entre elas dois notáveis exemplares), no mesmo nível de base que continha deposições de placas de xisto. Placas de xisto idênticas, pelos componentes da simbólica às da Cova das Lapas e da Sala nº 1. Cronologicamente, existe indubitavelmente coexistência. Culturalmente, a utilização *do mesmo nível do mesmo monumento* poderia confirmar o dado anteriormente adquirido.

*E quanto ao que elas representam?*

3.2 Como já se viu, as questões, no que diz respeito à interpretação das placas, não são muitas: uma mesma divindade, uma mesma função, várias representações, de acordo (ou não) com suportes diferentes? Difícil é, porém, uma escolha fundamentada.

Não sei se tratará *sempre* de uma mesma divindade, mas se a sua função for a mesma então poderemos aceitar que a variabilidade das representações tem menor significado que a sua presença específica junto aos inumados.

Acaso mais datas estivessem disponíveis, teríamos talvez a possibilidade de discutir uma possível anterioridade das placas com representações geométricas em relação às de xisto e grés com figurações claramente antropomórficas. Ou a sobrevivência das representações geométricas em relação a estas últimas. No presente contexto, há que esperar, ainda que a escavação de povoados (onde as placas, não o esqueçamos, também eram feitas) possa apressar a resolução dos problemas em apreço.

3.3 Se em meados do 4º milénio (em anos de calendário) já existiam placas votivas com representações geométricas, até meados do 3º a sua presença parece igualmente estar atestada. Só que é exactamente em torno à dobragem da primeira metade do 3º milénio que factos novos ocorrem no Ocidente peninsular. Um deles será, muito provavelmente, o aparecimento das fortificações com torres ocas, respondendo a uma situação de agitação e insegurança cuja explicação avancei noutro lugar (Gonçalves 1989). De acordo com o que já é possível entrever, é este um período de rasgados

contactos inter-regionais, em escala ampla, e a metalurgia do cobre, um dos componentes peninsulares a acrescentar ao salto económico-social provocado pela Revolução dos Produtos Secundários, desempenha agora papel não negligenciável. Com ela, novas figurações vão surgir (os ídolos-falange, os ídolos cilindro), mas também as antigas receberão a influência da «Deusa com olhos de sol». Placas de xisto, cerâmicas, falanges talhadas ou simplesmente afeioadas, vão registar este momento, incluindo na antiga gramática diversas figurações dos olhos-sol.

Seria interessante saber se não é exactamente nesta altura que no menir da Bulhoa, em Reguengos de Monsaraz, é gravado o seu sol único, sendo o monumento, possivelmente, de feitura anterior.

3.4 Se fosse obrigado a concluir, diria que a conclusão não é volumosa, ainda que a sua fiabilidade seja praticamente indiscutível.

Signifiquem o que signifiquem as placas votivas, duram pelo menos mil anos, o que não é excessivo se considerarmos a duração média dos grandes complexos mágico-religiosos e as considerarmos parte de um deles.

Como todos os símbolos mágico-religiosos, a sua duração é independente da que foi própria às sociedades ou grupos que as geraram, não sendo nada improvável que tenham sido anteriores e contemporâneas das grandes transformações que a Revolução dos Produtos Secundários desencadeia no Ocidente Peninsular. Ainda existem, por outro lado, quando no território hoje português se levantam as fortificações de Zambujal, Vila Nova de S. Pedro, Monte Novo dos Albardeiros, Monte da Tumba, Cerro do Castelo de Santa Justa.

E uma das mais interessantes questões não residirá exactamente, também, em sabermos de que lado das muralhas elas se encontravam? Dentro delas ou de fora (e contra elas). Não possuo elementos que me levem a considerar inválida esta última explicação.

Completamente exterior às intenções de este trabalho fica outra discussão famosa: a «das origens». Mas bastará ler Karageorghis (1977) ou Renfrew (1985) para nos apercebermos quão longe está, por enquanto e neste contexto, o mundo do Mediterrâneo oriental.

*Lisboa, Inverno de 1989*

## REFERÊNCIAS

ARNAL, Jean e André-Charles Gros, 1962, *A propósito das placas de xisto gravadas do sul da Península Ibérica*, Revista de Guimarães LXXII: 301-318, Guimarães: Soc. Martins Sarmiento.

CÁSTRO, Luís Albuquerque e, 1953, *A figura antropomórfica e as placas de xisto*, Lucerna 3, Porto.

CERDÁN MÁRQUEZ, Carlos, Georg e Vera Leisner, 1952, *Los sepulcros megalíticos de Huelva*, Madrid.

CORREIA, Virgílio, 1917, *Os ídolos placa*, Terra Portuguesa, nº 13-14: 29-35, Porto.

CORREIA, Virgílio, 1921, *El neolítico de Pavia*, Madrid.

FERREIRA, O. da Veiga, 1973, *Acerca das placas ídolo com mãos encontradas em Portugal e o culto da fecundidade*, Hom. Luis Pericot, Barcelona.

FRANKOWSKI, E., 1920, *Estelas discoideas de la Peninsula Ibérica*, Madrid.

GONÇALVES, Victor S., 1970, *Sobre o Neolítico na Península de Setúbal, (II. A propósito de duas placas gravadas da Lapa do Bugio)*, Actas das I Jornadas Arqueológicas, vol. I: 407-421, Lisboa: Associação dos Arq. Port.

GONÇALVES, Victor S., 1978a, *Para um programa de estudos do Neolítico em Portugal*, Zephyrus XXVIII-XXIX: 147-162, Salamanca.

GONÇALVES, Victor S., 1978b, *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*, Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.

GONÇALVES, Victor S., 1980, *Dois novos ídolos tipo Moncarapacho*, Setúbal Arqueológica IV: 47-58, Setúbal: Assembleia Distrital.

GONÇALVES, Victor S., 1987, *O povoado pré-histórico da Sala nº 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1* (88), Portugal, Nova Série, VIII, 7-16, Porto: Faculdade de Letras.

GONÇALVES, Victor S., 1989, *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada*, 2 vols., Lisboa: UNIARQ/INIC.

KALB, Philinne, 1987, *Monumentos megalíticos entre Tejo e Douro*, El megalitismo en la Península Ibérica: 95-109, Madrid: Ministerio de Cultura.

KARAGEORGHIS, Jacqueline, 1977, *La Grande Déesse de Chypre et son culte*, Lyon: Maison de l'Orient.

LEISNER, Georg e Vera Leisner, 1951, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*, reimpressão: Lisboa UNIARCH/INIC, 1985.

OLIVEIRA, Jorge, 1978, *Introdução ao estudo das sepulturas megalíticas da margem esquerda do Sever*, estudo policopiado, Universidade de Évora.

PERICOT Garcia, L., 1950, *Los sepulcros megalíticos catalanes y la Cultura Pirenaica, Barcelona*.

RENFREW, Colin, *The Archaeology of cult, The Sanctuary of Phylakopi*, Londres: Thames and Hudson.

SILVA, Carlos Tavares da, 1987, *Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal)*, El megalitismo en la Península Ibérica: 85-93, Madrid: Ministerio de Cultura.

VASCONCELLOS, José Leite de, 1897, *Religiões da Lusitânia*, I, Lisboa.

VEIGA, S.F. Estácio da, 1887, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, II, Lisboa.

VILAÇA, Raquel, 1984, *Sobre uma placa de xisto do concelho de Ponte de Sor*, Arqueologia 9: 53-59, Porto: GEAP

ZBYSZEWSKI, Georges, 1957, *Comparaison entre une plaque de schiste gravée de Lisbonne et une de la province de Huelva*, CSGP, XXXVIII, Lisboa.